

O ensino do uso da vírgula: uma proposta pedagógica

Teaching the use of the comma: a pedagogical proposal

Enseñanza del uso de la coma: una propuesta pedagógica

Recebido: 18/07/2022 | Revisado: 30/07/2022 | Aceito: 07/08/2022 | Publicado: 16/08/2022

Jerusa Vaz de Rezende Pires

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4238-9897>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: jerusa.aprov.com.br

Juliana Cristina da Costa Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4475-2581>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: juliana.fernandes@ifgoiano.edu.br

Resumo

Diante de inquietações ao realizar leitura de textos produzidos por autores com diversos níveis de formação e constatar equívocos grosseiros no uso de sinais de pontuação, sobretudo no emprego inadequado da vírgula, que pode comprometer a comunicação, este trabalho propõe uma sequência didática para o ensino do uso da vírgula, como elemento de produção textual, que obedece a critérios sintáticos. A proposta deverá ser adotada para alunos a partir do ensino fundamental – anos finais, após o aprendizado básico de estruturas sintáticas. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa sobre pontuação, vírgula e sequência didática, a fim de subsidiar a proposta apresentada. As reflexões foram aportadas em pesquisadores como: Ferrarezi Junior (2019), Junkes (1995), Kleiman (2016), Koch e Elias (2015), Luft (2002), Piacentini (2012), Oliveira (2019), dentre outros. Por meio das discussões realizadas, espera-se que a prática pedagógica proposta possa contribuir para o ensino do uso da vírgula de forma consciente, potencializando habilidades para escrita e possibilidades para melhor compreensão textual.

Palavras-chave: Pontuação; Vírgula; Sequência didática.

Abstract

Faced with concerns when reading texts produced by authors with different levels of education and finding gross mistakes in the use of punctuation marks, especially in the inappropriate use of the comma that can compromise communication, this work proposes a didactic sequence for teaching the use of the comma, as an element of textual production, which obeys syntactic criteria. The proposal should be adopted for students from elementary school – final years, after the basic learning of syntactic structures. A bibliographical research with a qualitative approach was carried out on punctuation, comma and didactic sequence, in order to support the proposal presented. Reflections were provided by researchers such as: Ferrarezi Junior (2019), Junkes (1995), Kleiman (2016), Koch and Elias (2015), Luft (2002), Piacentini (2012), Oliveira (2019), among others. Through the discussions carried out, it is expected that the proposed pedagogical practice can contribute to teaching the use of comma consciously, enhancing writing skills and possibilities for better textual comprehension.

Keywords: Punctuation; Comma; Following teaching.

Resumen

Ante las inquietudes en la lectura de textos producidos por autores con diferentes niveles de formación y la constatación de graves errores en el uso de los signos de puntuación, especialmente en el uso inapropiado de la coma, que puede comprometer la comunicación, este trabajo propone una secuencia didáctica para la enseñanza el uso de la coma, como elemento de producción textual, que obedece a criterios sintáticos. La propuesta debe ser adoptada para estudiantes de la escuela primaria - años finales, después del aprendizaje básico de estructuras sintáticas. Se realizó una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo sobre puntuación, coma y secuencia didáctica, con el fin de sustentar la propuesta presentada. Las reflexiones fueron aportadas por investigadores como: Ferrarezi Junior (2019), Junkes (1995), Kleiman (2016), Koch y Elias (2015), Luft (2002), Piacentini (2012), Oliveira (2019), entre otros. A través de las discusiones realizadas, se espera que la práctica pedagógica propuesta pueda contribuir a la enseñanza del uso de la coma de forma consciente, potenciando las habilidades de escritura y posibilidades para una mejor comprensión textual.

Palabras clave: Puntuación; Coma; Siguiendo la enseñanza.

1. Introdução

A pontuação é um conteúdo proposto em Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo, portanto, o seu ensino obrigatório nos currículos escolares das redes pública e privada no país. Entretanto, podemos observar, em textos que circulam em diversos meios de comunicação, inúmeros problemas com sinais de pontuação, sobretudo com o uso inadequado da vírgula, o que compromete a comunicação entre os interlocutores. Esse fato pode ser observado em produções de autores com diversos níveis de escolaridade, até mesmo em produções científicas.

Certamente, metodologias adotadas por muitas escolas não são suficientes para o domínio da pontuação, o que compromete a prática necessária para o seu uso pertinente em produções textuais. Ainda, encontramos propostas para o ensino dos sinais de pontuação que optam pelo método tradicional em que as explicações ocorrem de forma descontextualizadas, ou seja, as regras são expostas a partir de frases ou palavras ‘solitas’, o que transforma o processo de aprendizagem artificial e desprovido de sentido.

Diante do exposto, propomos, neste trabalho, uma sequência didática, determinada por uma série ordenada e articulada de passos, intencionalmente preparada para o processo ensino-aprendizagem do uso da vírgula de forma consciente, a partir de um texto que é o ambiente natural de qualquer sinal de pontuação. Dentre os sinais gráficos de pontuação da língua portuguesa, optamos por priorizar o ensino do uso da vírgula por ser considerada um dos sinais de pontuação mais usados e complexos, considerando o leque de regras apresentadas nas gramáticas tradicionais.

Neste trabalho, não temos a pretensão de trazer uma ‘receita pronta’ ou de esgotar as diversas possibilidades para o uso da vírgula, mas propomos uma sequência didática, a partir do gênero textual fábula, para subsidiar os professores e alunos no processo ensino-aprendizagem para o uso adequado da vírgula, sobretudo para alunos que estejam cursando o ensino fundamental – anos finais ou para aqueles que possuem dificuldades para o uso correto desse sinal gráfico.

A pesquisa foi realizada a partir de um referencial teórico estruturado nos tópicos: a pontuação e sua funcionalidade no ensino, a importância do uso da vírgula em uma produção textual e proposta de sequência didática para o uso da vírgula.

Este artigo é fruto de um trabalho de conclusão da Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Educativas do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Ipameri.

2. Metodologia

Neste artigo, optamos por uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, pois visa à construção de uma proposta pedagógica para o uso da vírgula, ancorada em autores que discutem o uso da pontuação, da vírgula e a construção de uma sequência didática. Segundo Fonseca (2002, p. 31), “qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”.

Espírito Santo (1992, p. 82) nos explica que, para o avanço da ciência, é importante considerarmos o que já se sabe sobre o assunto, “se cada pesquisador tivesse que começar seu trabalho a partir de zero conhecimento ou quase, não seria possível nenhum progresso científico”. Para Severino (2013), quando a natureza das fontes utilizadas para o tratamento do seu objeto é decorrente de pesquisas já realizadas que se encontram em livros, artigos, teses etc., ou seja, quando utilizamos de categorias ou dados já disponibilizados por outros pesquisadores, temos a pesquisa bibliográfica.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica nos permitiu levantar as contribuições teóricas já existentes sobre um determinado tema, a fim de subsidiar o nosso artigo. Pereira, et al., (2018, p. 94-95) explicam que, “quando se escreve um artigo científico, está se relatando resultados de alguma descoberta, experiência realizada, descrevendo algum caso, relatando alguma experiência vivida, descrevendo algum fenômeno ocorrido ou ainda fazendo uma revisão bibliográfica em relação a algum tema”.

A pesquisa bibliográfica realizada teve contribuições de autores como Ferrarezi Junior (2019), Junkes (1995), Kleiman (2016), Koch e Elias (2015), Luft (2002), Piacentini (2012), Oliveira (2019), dentre outros, cujas obras possibilitaram a definição de conceitos e pressupostos teóricos para o desenvolvimento sobre os temas abordados.

Em relação à pesquisa qualitativa, Minayo (2002, p. 15) esclarece que “[...] aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações”. Já para Chizzotti (2009, p.79), a pesquisa qualitativa “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Assim, ao propormos uma sequência didática para o uso da vírgula, estamos trazendo significado para as representações das expressões humanas e sociais.

Por trabalharmos com uma proposta pedagógica, é importante ressaltarmos que a pesquisa apresenta caráter pedagógico e interventivo, uma vez que discute ações de planejamento, interferência e avaliação para auxiliar nos processos ensino-aprendizagem.

3. A Pontuação e sua Funcionalidade no Ensino

Um dos aspectos mais importantes da linguagem escrita é a pontuação. Entretanto, podemos observar que nem sempre o uso das pontuações contribui para fluidez textual, o que pode ser ocasionado pelo desprezo ou pela falta de compreensão do autor sobre o uso adequado dos sinais gráficos de pontuação, tornando as produções textuais nebulosas e até mesmo incompreensíveis.

Koch e Elias (2015, p. 39) explicam que, sobre conhecimentos gramaticais, “um dos tópicos que merece atenção é a pontuação, entendida não apenas com a função de marcar contornos entonacionais e deslocamentos sintáticos, mas, sim, em uma visão textual-discursiva”. As autoras esclarecem que, nessa perspectiva, “os sinais de pontuação são vistos como marcas do ritmo da escrita”, por meio das quais “o escrevente sinaliza para o leitor as relações entre as partes da oração, bem como uma forma preferencial de leitura” (Chacon, 1998, p. 133 apud Koch; Elias, 2015, p. 39).

Os sinais de pontuação que imprimem maior entendimento ao texto podem ser estudados em diversas perspectivas, como o adotado em algumas gramáticas, livros didáticos, roteiros para redação e apostilas. Tezza (2002, p. 2) argumenta que, na área de língua portuguesa,

[...] o problema mais grave dos livros didáticos tem sido a ausência de qualquer discussão mais profunda sobre o conceito de norma padrão; em geral, os manuais, em grande parte, ignoram todo o saber sobre a língua acumulado pela linguística nos últimos cem anos, reproduzindo gramáticas normativas que vêm há séculos se copiando umas às outras.

Práticas legitimadas por algumas escolas, ao longo do tempo, consideram o texto como um conjunto de elementos diversificados que podem ser analisados separadamente. Marcuschi (2008, p. 16) alerta que,

[...] os estudos linguísticos no século XX foram marcados por dois movimentos relativamente distintos em sua perspectiva analítica: por um lado, temos o projeto *formalista*, que busca analisar a língua *descontextualizadamente*, dando primazia ao aspecto sintático; por outro lado, temos o movimento funcionalista, que busca *recontextualizar* a língua observando-a em seus contextos de uso e com ênfase no estudo do léxico, nos aspectos socioculturais, na interação e na visão cognitiva (*grifos do autor*).

Kleiman (2016, p. 25) diz que “os livros didáticos estão cheios de exemplos em que o texto é apenas pretexto para o ensino de regras sintáticas, isto é, para procurar adjetivos, sujeitos ou frases exclamativas”. A autora cita um exemplo retirado

de um manual da 6ª série em que pede o plural da frase “A aflição era insuportável”. Trecho que pode ser observado apenas como estrutura gramatical e não como falas ou descrições.

Assim, para efeito de exemplificação, encontramos, em um manual¹ que trata a vírgula, um dos sinais de pontuação em que os alunos possuem mais dificuldade, como uma representação de uma pausa ligeira da voz. Outro manual diz que a vírgula é usada obrigatoriamente para indicar o isolamento de expressões de valor meramente explicativo. Dessa forma, o ensino de pontuação por meio de regras sem reflexão não parece ser o melhor caminho. Junkes (1995, p. 48-49) esclarece que, tratada a pontuação:

[...] como um item no corpo da gramática, ela tem sido exercitada isoladamente a partir de um conjunto de regras aparentemente nebulosas. [...] Assim como parece inútil ensinar concordância, regência, acentuação, colocação, isoladamente, aplicando-se exercícios específicos, resultados pouco satisfatórios é o que se pode esperar se for esquecido que os textos alheios são apenas uma estratégia complementar para o aprendizado.

Assim, é necessário tratar a pontuação em outra perspectiva, ou seja, além da apresentada nas gramáticas tradicionais que, na maioria das vezes, apresentam práticas desmotivadoras com uma série de regras, seguidas de exercícios específicos, com frases ou palavras descontextualizadas. Em contraponto, o ensino da pontuação a partir da dimensão textual contribuirá para uma aprendizagem significativa, promovendo o uso consciente no seu ambiente natural, ou seja, nas produções textuais.

4. A Importância do uso da Vírgula em uma Produção Textual

Os sinais de pontuação são fundamentais tanto na linguagem oral (entonações) como na escrita (sinais gráficos), visando a uma melhor compreensão textual. Na fala, não precisamos nos preocupar, já é automático, até mesmo para crianças que dominam recursos básicos de oralidade. Entretanto, na escrita não temos as mesmas facilidades, precisamos conhecer a estrutura frasal para que possamos pontuar corretamente.

Os sinais de pontuação, sob o ponto de vista do ensino, possuem uma longa trajetória. Iniciaremos o nosso recorte histórico com o gramático Rocha Lima, autor da Gramática Normativa da Língua Portuguesa, publicada em 1972. Ao apresentar as normas tradicionais relativas aos sinais de pontuação, o autor esclarece que as pausas rítmicas são de três espécies: 1. A pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicando que a frase ainda não foi concluída, marcada pela vírgula, travessão, parênteses, ponto e vírgula ou dois pontos. 2. A pausa que indica o término do discurso ou de parte dele, assinalada pelo ponto simples, ponto parágrafo ou ponto final. 3. A pausa que serve para frisar uma intenção ou estado emotivo, marcada pelo ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências (Lima, 2011).

Conforme já mencionado neste trabalho, abordaremos a vírgula, importante sinal de pontuação e um dos mais utilizados em produções textuais. Junkes (1995) considera tal sinal de pontuação como o mais polivalente, o mais usado ao lado do ponto. “Ela nasceu no latim. Na língua dos Césares, queria dizer varinha. Também significava pequeno traço ou linha. Mais tarde virou sinal de pontuação. Indica pausa rápida, menor que o ponto” (Squarisi; Salvador, 2008, p. 64). Ao longo dos séculos, as normas para uso da vírgula passaram por grandes discussões, oscilando, inclusive entre os *virgulinos* e os que preferem a economia do seu uso.

Segundo as normas tradicionais de Lima (2011), as vírgulas são usadas: 1) para separar os termos da mesma função, assindéticos; 2) para isolar o vocativo; 3) para isolar o aposto; 4) para assinalar a inversão dos adjuntos adverbiais; 5) para marcar a supressão do verbo; 6) nas datas; 7) nas construções em que o complemento do verbo, por vir anteposto a este, é repetido depois dele por um pronome enfático; 8) para isolar certas palavras e expressões explicativas, corretivas, continuativas, conclusivas; 9) para isolar orações ou termos intercalados; 10) para separar as orações coordenadas assindéticas;

¹ Não cabe divulgar o nome do manual, pois o objetivo deste trabalho não é analisar produções específicas.

11) para separar as orações coordenadas ligadas pela conjunção e, quando os sujeitos forem diferentes; 12) para separar as orações coordenadas ligadas pelas conjunções mas, senão, nem, que, pois, porque, ou pelas alternativas: ou... ou; ora ... ora -, quer... quer etc.; 13) para isolar as conjunções adversativas: porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo e as conjunções conclusivas: logo, pois, portanto; 14) para separar as orações consecutivas; 15) para separar as orações subordinadas adverbiais (iniciadas pelas conjunções subordinativas não integrantes), quer antepostas, quer pospostas à principal; 16) para separar os adjetivos e as orações adjetivas de sentido explicativo, ou, como lhes chama o professor José Oiticica, orações adjetivas e adjetivos parentéticos; 17) para separar as orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo (Lima, 2011).

Percebemos uma quantidade expressiva de regras para o aluno assimilar, em relação ao emprego da vírgula. Do ponto de vista dele, que, além de aprender todas essas regras, ainda precisa dominar outras diversas sobre os demais sinais de pontuação, apresentadas nas gramáticas tradicionais, torna-se exaustivo e desestimulante.

Avançando um pouco no recorte temporal dos gramáticos, na década de 1990, cronologicamente duas décadas distantes da gramática de Lima, Maia (1994, p. 280) diz que “o emprego dos sinais de pontuação é de fundamental importância para o sentido de uma frase. Particularmente, o emprego da vírgula requer cuidados especiais, devido à sua multiplicidade de aplicações e efeitos”. Podemos perceber que o autor parte da estrutura frasal para o emprego do uso da vírgula.

Ao analisar outras gramáticas tradicionais, encontramos autores que tratam os sinais de pontuação como sendo uma simples transposição da linguagem oral para a escrita, ou seja, conforme as pausas na linguagem oral haverá um sinal de pontuação na escrita. Temos aqui um problema, como seria para os asmáticos e gogos? Em contraponto a essa teoria, há autores que afirmam que não há relação alguma entre a pontuação gráfica e oralidade. Para Luft (2002, p. 7), “a ligação entre pausa e vírgula deve ser a responsável pela maioria dos erros de pontuação”. Ele ainda esclarece que “está mais do que na hora de desligar as duas coisas. No entanto, mesmo em gramáticas recentes, e de autores bem conceituados, persiste a ilusão” (Luft, 2002, p. 7).

Segundo Ferrarezi Junior (2019), como o aluno ouve que a vírgula é uma pausa e uma pequena respiração, quando começa a escrever, a cada pausa ele coloca vírgula, ou seja:

Deu pausa, deu vírgula, respirou, virgoulou. E, quase sempre, como não poderia deixar de ser, se trata de uma vírgula indevida, inadequada, mal utilizada [...] Bem, o fato é que essa explicação maluca e sem fundamento que relaciona vírgulas a “pausas” e a “respirações” do texto precisa ser banida da escola básica. E rapidamente (Ferrarezi Junior, 2019, p. 81).

Sabemos que esses conceitos precisam ser revisados para que o aluno de fato compreenda os sinais de pontuação como parte integrante do texto, uma vez que a forma tradicional de ensino da pontuação que, em muitos casos, prevê os sinais de pontuação em frases isoladas/soltas, não consegue resolver os problemas que podem ser constatados em produções textuais dos alunos ou em textos divulgados em diversos veículos de comunicação.

Nessa perspectiva, os sinais de pontuação são recursos utilizados pelo autor do texto para dividi-lo em unidades de sentido, de forma que o leitor possa compreender o que o autor quer dizer. Para que possamos informar ao leitor a estrutura que usamos na escrita, “existem sinais de pontuação que servem exatamente para marcar se a estrutura sintática do que está escrito está na ordem mais comum da língua, se há inversões, inserções, coordenações etc.” (Ferrarezi Junior, 2019, p. 79).

O autor ainda explica que esses sinais são a vírgula, o ponto e vírgula e aqueles que servem à periodização, nos alerta de que o maior problema para o aprendizado da vírgula é que, para usá-la corretamente, precisamos dominar a análise sintática do que escrevemos. Entretanto, “o ensino de sintaxe no Brasil é historicamente pífio, ineficiente e baseado em memorização de exemplos que ‘caem na prova’ [...]” (Ferrarezi Junior, 2019, p. 80). Dessa forma, a pontuação é um recurso da produção textual com funções específicas para a construção de sentido de um texto, o qual deverá manter a atenção do leitor até o ponto

final. Squarisi e Salvador (2008, p. 60) afirmam que “eis a verdadeira plataforma de desembarque da viagem fascinante chamada escrita”.

Dentre os sinais de pontuação, como já mencionamos, iremos nos ater à vírgula, principal sinal de pontuação para marcar as alterações canônicas na língua. Conforme Ferrarezi Júnior (2019, p. 94), ela é usada nos seguintes casos:

a. como marcador de inversões dos elementos sintáticos na ordem canônica; b. como marcador de inserção de elementos não estruturais na ordem canônica; c. como marcador de coordenação (podendo ser alternada com conectivos que indicam coordenação); d. quando há inserções de explicações (como é o caso das orações explicativas).

Neste momento, é importante destacarmos que o uso da vírgula não se limita à compreensão de critérios sintáticos, mas também à construção dos sentidos do texto, uma vez que a ideia de que uma frase possa se sustentar sozinha é uma falácia. “Em outras palavras, a construção dos sentidos se deve a outros elementos para além daqueles de ordem gramatical” (Antunes, 2010, p. 14).

Nessa relação de construção de sentido, o emprego da vírgula, para Cunha (2019), é bifacial: ela tanto permite desfazer ambiguidades – possíveis devido ao encadeamento dos elementos – isto é, escrever estabelecendo certas relações e não outras, como, quando mal-empregada, ensejar um encadeamento obscuro.

Dessa forma, o ensino do uso da vírgula não deve se restringir a regras ‘decoradas’ em que não há preocupações em compreender a intencionalidade discursiva para o uso de cada vírgula. Nessa perspectiva, o ensino do uso da vírgula é desafiador, sendo fundamental que o professor apresente não só os aspectos sintáticos, mas também o semântico.

A seguir, propomos estratégias de ensino para o uso da vírgula a partir de um texto do gênero fábula, considerando uma técnica de sequência didática apresentada por Oliveira (2019). A sequência, intencionalmente elaborada com uma série ordenada e articulada de atividades, visa ao processo ensino-aprendizagem do uso da vírgula para turmas a partir do ensino fundamental – anos finais, pois nesse período os alunos já estão preparados para conteúdos mais complexos, relacionados à interpretação e produção de textos.

5. Proposta de Sequência Didática para o uso da Vírgula

Diante da constatação de que o ensino dos sinais de pontuação proposto em diversas gramáticas tradicionais é insuficiente, já que apresenta inúmeras regras que o aluno precisa ‘decorar’, propomos estratégias, por meio de uma sequência didática, para o ensino do uso da vírgula de forma consciente.

É importante ressaltarmos que, quando os alunos apresentam lacunas na aprendizagem, a retomada de conteúdo é de suma importância, não devendo de forma alguma ser ignorada, mesmo sabendo que a questão do ‘tempo’ muitas vezes deixa o professor desconfortável. Quando surgir a necessidade de pausar e retomar algum conteúdo, essa é uma ação importante para evitar a permanência de dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

A seguir, será apresentada uma sequência didática para o ensino do uso da vírgula em uma perspectiva textual. O gênero textual trabalhado será a fábula, porém, isso poderá ser flexibilizado de acordo com a realidade da turma. Antes de apresentarmos a proposta, precisamos compreender que sequência didática é:

um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem (Oliveira, 2019, p. 53).

O autor Zabala (1998, p. 20) diz que “as sequências de atividades de ensino/aprendizagem, ou sequências didáticas, são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática”. Assim, com as sequências didáticas, podemos propor diferentes formas de intervenções, conforme os conteúdos a ser trabalhados, visando melhorias no processo ensino-aprendizagem.

Retomando Oliveira (2019), a autora explica que a técnica da sequência didática é usada, atualmente, em diferentes áreas de conhecimento e adota os seguintes passos básicos:

escolha do tema a ser trabalhado; questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado; planejamento dos conteúdos; objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem; delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados (Oliveira, 2019, p. 54).

A sequência didática deste trabalho está ancorada nessa proposta. Não se trata de um roteiro engessado, mas de uma atividade que poderá contribuir com o processo ensino-aprendizagem. Conforme já mencionado, sugerimos que esta proposta seja aplicada a partir do ensino fundamental – anos finais, pois:

[...] a maioria dos usos da vírgula é abstrata e, portanto, inalcançável para o aprendizado por crianças que não passaram ainda da fase concreta da cognição. O aprendizado das estruturas sintáticas de base, que só é possível, para crianças com faculdades cognitivas típicas, a partir dos 11 ou 12 anos, é requisito *sine qua non* para a aplicação consciente da vírgula. Querer ensinar isto antes daquilo é pura perda de tempo (Ferrarezi Junior, 2019, p. 80).

Para que o aluno aprenda a usar a vírgula de forma consciente, é necessário que ele saiba analisar a estrutura sintática do que está escrevendo, “esse ensino da estrutura sintática deve acontecer lá do oitavo ou nono ano escolar para frente, até o final do ensino médio” (Ferrarezi Junior, 2019, p. 82).

Com a sequência didática proposta, pretendemos que o aluno tenha consciência do uso estruturante da vírgula. Essa sequência tratará, principalmente, do uso da vírgula em situações ‘regulares’, considerando que a nossa língua tem uma ordem sintática preferencial, denominada ‘ordem canônica’, representada pela fórmula linguística: SVO (Sujeito-Verbo-Objeto). Squarisi e Salvador (2008, p. 65) explicam que “o emprego da vírgula obedece a três regras. Ela separa: termos e orações coordenados, termos e orações explicativos e termos e orações deslocados”. Já Luft (2002) ensina que toda frase pode apresentar quatro casas: casa 1 – sujeito; casa 2 – verbo; casa 3 – complementos; casa 4 – as circunstâncias (tempo, lugar, modo e outras). A partir dessa colocação, ele apresenta as regras básicas do emprego da vírgula, regras negativas. Assim, **“não se deve usar vírgula entre as casas 1, 2 e 3. Nem entre 1 e 2, nem entre 2 e 3. A casa 4, sobretudo nas frases longas, pode ser separada por vírgula. As inversões 2, 1, 3; 2, 3, 1 podem ser marcadas por vírgula, principalmente para evitar confusão”** (Luft, 2019, p. 12-13, grifos do autor).

A seguir, propomos uma sequência didática, considerando a técnica apresentada por Oliveira (2019), já mencionada nesse trabalho. A sequência construída conta com 14 passos que poderão ser agrupados em aulas, a critério de cada professor, conforme o tempo disponível e a turma. A sequência didática não contempla todas as circunstâncias do emprego da vírgula, mesmo porque ela está ancorada em um texto que, evidentemente, não consegue abarcar todas as situações possíveis, mas propõe um exercício do uso da vírgula de forma consciente e não apenas como um amontoado de regras que precisam ser decoradas.

Assim, sugerimos que o professor elabore outras sequências com textos de diferentes gêneros, para que possa avançar no ensino do uso da vírgula. Conforme já mencionamos, a sequência foi dividida em passos que poderão ser adequados, conforme o planejamento do professor.

1º passo: O professor apresentará o tema a ser trabalhado: o uso da vírgula. Em seguida, comentará com a turma sobre os problemas ocasionados pelo seu uso indevido, como ambiguidades, além de compreensões inadequadas da mensagem. A sequência didática a ser apresentada tem como objetivo a aprendizagem do uso do sinal de pontuação, denominado vírgula. Logo após, será delimitada a sequência de atividades. Neste momento, o professor deverá levar em consideração a formação dos grupos, material didático e cronograma.

2º passo: O professor deverá explicar que usarão, como texto para a sequência didática, uma fábula, gênero do tipo narrativo de caráter ficcional. Em seguida, o professor deverá entregar uma cópia da fábula “O galo que logrou a raposa”, Lobato (2008), para cada aluno. Poderá usar slides para explicar ou revisar a definição de fábula, suas principais características, assim como comentar sobre a biografia de Monteiro Lobato, revelando sua importância na literatura e em outros aspectos da história do nosso país. A seguir, segue a fábula.

O galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!...” E em voz alta:

– Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

– Muito bem! – exclamou o galo – Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como já vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de histórias e pôr-se ao fresco, dizendo:

– Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

3º passo: A seguir, o professor pedirá para que os alunos leiam a fábula individualmente ou em dupla, assinalando as vírgulas encontradas no texto. Peça para que os alunos transcrevam todas as ocorrências das vírgulas em uma folha de papel. Diga a eles para colocarem as ocorrências entre o ponto final imediatamente anterior e posterior e, se necessário para o entendimento, poderá transcrever até um pouco mais. Em seguida, peça que analisem o uso da vírgula, para que possam tentar deduzir os possíveis motivos do seu uso nos trechos analisados. Para que isso ocorra, é fundamental que ele veja o contexto maior em que esse sinal ocorre. Aguarde as respostas.

4º passo: O professor deverá retomar as respostas dos alunos que foram construídas no passo anterior. Peça a opinião deles: por que usamos vírgula no fragmento: “**um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore**”? Após ouvir a resposta deles, explique a estrutura preferencial básica da nossa língua: SVO (sujeito → verbo → objeto). Além disso, aproveite o momento e explique, também, que cada uma das estruturas básicas da nossa língua pode ser ocupada tanto por um termo simples quanto por uma oração que, sintaticamente, equivale a esse termo, o que deve ser observado tanto no período simples como no composto.

5º passo: Retomando a oração: Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. Ao aplicarmos a fórmula linguística já mencionada, teríamos como sujeito (um velho mateiro), verbo (empoleirou-se) e complemento verbal/objeto (numa árvore). Neste momento, é importante explicar que o emprego da vírgula obedece a três regras básicas: “termos e orações coordenados, termos e orações explicativos e termos e orações deslocados” (Squarisi; Salvador, 2008, p. 65). Explique que, no trecho analisado, a oração que está entre vírgulas rompe com a estrutura canônica e apresenta uma função explicativa, logo, exige o uso da vírgula.

6º passo: Passaremos a analisar a oração: **A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo...”**. Nesse caso, temos um termo deslocado que explica o comportamento da raposa, sendo necessário o uso da vírgula. Em seguida, temos um termo estranho à estrutura da frase (seu malandro). Trata-se de um termo deslocado, rompendo com a estrutura canônica. Logo, precisa ser separado por vírgulas.

7º passo: No diálogo a seguir, temos um termo (Amigo) com a função de chamar, invocar alguém. Esse termo é denominado vocativo, o qual exige o uso da vírgula. - **Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais.**

8º passo: Vamos analisar o trecho: **Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados.** Nesse caso, temos o emprego da vírgula para separar termos coordenados. A vírgula está isolando uma enumeração, ou seja, as palavras possuem o mesmo valor sintático e são independentes entre si. Posteriormente, inicia-se uma nova oração coordenada, ou seja, “todos os bichos andam agora aos beijos”. Ainda temos outro uso da vírgula para separar o termo explicativo (como namorados).

9º passo: Nesta oração: **Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições!** A primeira ocorrência da vírgula visa separar um termo explicativo (limpo de guerras) e a outra ocorrência para enumerar os termos coordenados (guerras e crueldade).

10º passo: Analisaremos as orações a seguir: **Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como já vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.** Na primeira ocorrência da vírgula, a conjunção (mas) inicia uma nova oração coordenada, assim essa conjunção vem normalmente precedida de vírgula. Neste momento, pode-se explicar que, “quando a conjunção *mas* liga expressões do mesmo valor sintático, isto é, que têm a mesma função na frase, não é preciso usar a vírgula. Neste caso, a conjunção não está iniciando uma nova oração” (Piacentini, 2012, p. 53, grifo do autor). Continuando com a análise, temos uma oração deslocada (acho bom esperá-los). Nesse caso, usamos a vírgula para separá-la.

11º passo: No fragmento: **Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de histórias e pôr-se ao fresco, dizendo: - Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.** Na primeira ocorrência, temos o deslocamento da oração (Dona Raposa não quis saber de histórias). Em seguida, temos uma oração coordenada (dizendo). Logo após, a vírgula é usada para separar um vocativo (amigo Có-ri-có-có). E, para finalizar, temos uma vírgula que precede o elemento discursivo “sim”. Nessa ocorrência, o uso da vírgula serve para isolar o termo que não faz parte da estrutura sintática. Esses termos discursivos podem ser inseridos em qualquer lugar, entretanto, quando inseridos, são “isolados” por vírgula.

12º passo: Nesta oração “**Contra esperteza, esperteza e meia**”, a vírgula é usada para enumerar termos que têm a mesma função sintática. Neste momento, o professor poderá fazer uma interpretação da moral da história.

13º passo: Peça aos alunos que escrevam uma fábula, considerando todas as características do gênero textual. Após finalizarem, o professor poderá solicitar que troquem entre eles a sua produção para que cada aluno ou dupla faça o exercício de análise do uso da vírgula, conforme apresentado acima. Ao término dessa atividade, as fábulas deverão retornar para seus respectivos autores. Em seguida, iniciarão as discussões do uso da vírgula, momento em que o aluno e o respectivo colega que observou seu texto deverão discutir, mediados pelo professor, o uso adequado da vírgula nos textos.

14º passo: Encerrada essa atividade, peça para que cada aluno reescreva a sua fábula com o uso adequado da vírgula, considerando o que foi discutido. Neste momento, o professor deverá recolher e avaliar as produções, caso seja necessário, o professor deverá rever os passos anteriores.

O professor deverá elaborar um cronograma, observando os níveis de dificuldade da turma e o tempo disponibilizado para aplicação da sequência didática. Em seguida, apresentar o seu planejamento aos alunos.

6. Considerações Finais

A prática da escrita é uma construção gradual e não uma dádiva. Para que seja edificada com excelência, é necessária muita dedicação e persistência, uma vez que requer a mobilização de conhecimentos vinculados a textos, à língua, ao conhecimento de mundo, dentre outros.

Em diversificados textos que rodeiam o nosso cotidiano, produzidos por autores com diferentes níveis de formação, evidenciamos textos com graves problemas que comprometem a compreensão, exigindo reflexões no processo ensino-aprendizagem, sobretudo sobre a forma tradicional. Em contraponto, temos propostas que podem contribuir para a superação de uma cultura escolar que privilegia o ensino da gramática, baseada, exclusivamente, em decorar infinitas regras e, para complicar um pouco mais, com listas de exercícios com ‘palavras ou frases soltas’, ignorando a dimensão textual.

Nesse contexto e diante da preocupação com os sinais de pontuação, sobretudo da importância da vírgula para a produção textual, este trabalho apresenta uma proposta de sequência didática para o uso da vírgula, na tentativa de que o aluno aprenda esse sinal de pontuação de forma consciente. Para isso, partimos da fábula ‘O galo que logrou a raposa’, de Monteiro Lobato, ou seja, de uma dimensão textual para construirmos a sequência, já que é nessa dimensão que a linguagem se realiza e que o ensino dela encontra o seu ambiente natural.

No decorrer da sequência didática, para que o processo ensino-aprendizagem seja construído, precisamos recorrer a critérios sintáticos e, assim, isolar algumas frases para que possamos melhor analisá-las. Entretanto, mesmo que o uso da vírgula seja de base sintática, é fundamental que esse processo ensino-aprendizagem ocorra a partir do texto, pois as experiências reducionistas de palavras soltas e frases isoladas precisam ser superadas.

Ressaltamos que a sequência didática proposta, ao ser aplicada, deverá ser adequada pelo professor, conforme as necessidades da turma e o tempo disponível. Por esse motivo, preferimos construí-la dividindo didaticamente em passos para que o professor possa adequá-los em aulas, segundo sua rotina.

Por fim, esta proposta não contempla todas as situações do emprego da vírgula, mesmo porque um único texto dificilmente nos traria todas as possibilidades para o emprego desse sinal de pontuação. Sugerimos aos professores que construam sequências didáticas que contemplem, a partir de diversos gêneros textuais, outras possibilidades para o uso da vírgula e, também, para outras situações de ensino da língua portuguesa que possam se adequar às sequências didáticas.

Referências

- Antunes, I. (2010). *Análise de textos: fundamentos e práticas*: Parábola Editorial.
- Chizzotti, A. (2009). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*: Cortez.
- Cunha, G. T. F. C. (2019). *Uma educação do sentido: poéticas textuais*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Espírito Santo, A. (1992). *Delineamentos de Metodologia Científica*. Edições Loyola.
- Ferrarezi Junior, C. (2019). *Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro*. Contexto.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*: UEC.
- Junkes, T. K. (1995). *Trajatória da pontuação: da frase ao interdiscurso*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Kleiman, A. (2016). *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes Editores.
- Koch, I. V., & Elias, V. M. (2015). *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. Contexto.
- Lobato, M. (2008). *Fábulas*. Editora Globo. https://namakajiri.net/misc/nonfree/monteiro_lobato-fabulas.pdf.
- Lima, R. (2011). *Gramática normativa da língua portuguesa*. José Olympio.
- Luft, C. P. (2002). *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. Ática.
- Maia, J. D. (1994). *Gramática*. Editora Ática.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.
- Minayo, M. C. S. (Org.) (2002). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*: Vozes.
- Oliveira, M. M de. (2019). *Sequência didática interativa no processo de formação de professores*. Vozes.
- Pereira A. S., Shitsuka D. M., Parreira F. J., & Shitsuka R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. UFSM. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do trabalho científico*: Cortez.
- Squarisi, D., & Salvador A. (2008). *Escrever melhor: guia para passar os textos a limpo*. Contexto.
- Tezza, C. (2021). Material didático: um depoimento. *Educar* (20), 35-42. 2002. Editora UFPR. <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2096>.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*: ArtMed.